

ARTIGOS ORIGINAIS

Saramenha de Cima: uma “periferia” de Ouro Preto e as suas percepções de patrimônio

Saramenha de Cima: a “suburb” of Ouro Preto and its concepts of heritage

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir, a partir de resultados advindos de um projeto de extensão, como os moradores do bairro de Saramenha de Cima, localizado na cidade de Ouro Preto, percebem e se apropriam das noções de patrimônio tanto da cidade quanto da localidade em que habitam. Para realizarmos essa análise utilizamos fontes escritas que abordam a história do bairro e entrevistas com alguns moradores. Almejamos também perceber se os moradores de Saramenha se apropriam das noções patrimoniais formadoras do centro histórico de Ouro Preto e de que maneira esse possível diálogo é traçado.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Extensão universitária. Ouro Preto. Educação patrimonial. História regional.

ABSTRACT

This paper is the results of an extension project and aims to discuss how the residents of Saramenha de Cima, located in Ouro Preto, Minas Gerais state, perceive and appropriate of the heritage concept of the city and of the neighborhood on which they live. This analysis are based on written documents that report the history of the neighborhood and interviews with the residents. We also aim to observe if Saramenha residents appropriate themselves of heritage concepts of Ouro Preto’s historic center and the way this dialogue is accomplished.

Keywords: Cultural heritage. University extension. Ouro Preto. Heritage education. Regional history.

Tiago Pires

Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo (tiago_pires@ymail.com).

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir como os moradores do bairro de Saramenha de Cima, localizado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, percebem e se apropriam das noções de patrimônio tanto da cidade quanto da localidade em que habitam. Para realizarmos essa análise, utilizamos fontes escritas que abordam a história do bairro e entrevistas com alguns moradores. Nossa investigação abarca a dimensão material e imaterial do patrimônio. Almejamos também perceber se os moradores de Saramenha se apropriam das noções patrimoniais formadoras do centro histórico de Ouro Preto e de que maneira esse possível diálogo é traçado. Este trabalho nos ajuda a refletir não somente sobre as diferentes percepções do patrimônio cultural de Ouro Preto, mas também as possíveis maneiras com as quais um projeto de extensão pode se estruturar e dialogar com o saber desenvolvido em conjunto com a universidade.

Esta pesquisa iniciou-se em 2009, quando o autor foi convidado para fazer parte do Programa de Extensão Cantaria, vinculado do Departamento de Engenharia de Minas, da Universidade Federal de Ouro Preto, voltado à restauração e à educação patrimonial no município e nas cidades históricas do entorno. A proposta era fazer um levantamento da história do bairro de Saramenha e das práticas culinárias circulantes entre os moradores. Alguns alunos de graduação em História e Nutrição estavam envolvidos na tarefa de coletar informações sobre as histórias, memórias e culinária local. O objetivo final era produzir um livro sobre Saramenha de Cima que pudesse servir tanto para o ensino de história quanto para a valorização patrimonial da comunidade. Assim, uma valorização não somente para a comunidade universitária e externa ao bairro, mas para os próprios habitantes.

As pesquisas foram realizadas em bibliotecas e no centro de memória da empresa Novelis, por meio de entrevistas com os moradores (que cederam as suas histórias e as suas receitas familiares mais apreciadas). Nesse sentido, o projeto de extensão pretendia não somente a valorização da cultura local, mas a formação acadêmica e social dos estudantes de Nutrição e de História. A proposta extensionista que gerenciou todo o andamento e a construção do projeto foi a de dialogar saberes sem hierarquizá-los, saindo da perspectiva assistencialista e

impositiva que um projeto de extensão pode assumir.

O objetivo do nosso texto não é fazer um relato de extensão, mas problematizar e trazer questões sobre a temática extensionista a partir da apresentação de uma pesquisa advinda de um projeto dessa modalidade. Por meio de discussões acerca das noções de “centro”, “periferia” e “patrimônio”, pretendemos mostrar de que forma um projeto de extensão pode abarcar não somente um processo formativo para os estudantes envolvidos, mas a construção de um saber específico, não hierarquizado e dialogado.

Escolhemos como problemática para este texto as percepções que os habitantes do bairro tinham das diferentes noções de patrimônio material e imaterial. O que eles entendiam como patrimônio? As ideias de patrimônio que faziam parte dos diversos monumentos e práticas culturais do centro histórico de Ouro Preto eram apropriadas pelos moradores? De que forma? Em que medida eles recriavam tais noções ou inventavam novas formas identitárias a partir dos patrimônios desenvolvidos no bairro? Essas são algumas das questões que guiarão este breve texto.

Estamos considerando o bairro de Saramenha como periferia por estar localizado geograficamente nas bordas do centro de Ouro Preto, local em que se desenvolveu, na década de 1930, a patrimonialização da cidade (NATAL, 2007, p. 8). A categoria de “periferia” nos remete a uma ideia pejorativa se tivermos em mente algumas construções sociais e culturais que circulam desde o século XX. Segundo Morse (1995), ao discutir as relações entre centro e periferia em alguns países da Europa e outros da América, há não somente um diálogo entre tais localidades, mas o desenvolvimento autônomo de técnicas, percepções culturais e artísticas dos monumentos, da arquitetura e de outras produções visuais que estão longe dos grandes “centros”. Nesse sentido, o autor será importante para este texto, assim como as proposições de Braudel (2007) e Ginzburg (1989), ainda que não possamos fazer uma aplicação direta de suas noções teóricas, haja vista que o recorte de análise desses autores é outro. No entanto, é possível traçar um diálogo com a ideia de “centro” e “periferia” desenvolvida por esses três intelectuais, sofisticando o nosso olhar para uma análise mais apurada de Saramenha de Cima.

Ouro Preto e a construção de sua patrimonialidade

A noção de Ouro Preto como cidade histórica, como local que abarca diferentes tipos de patrimônio, constituindo parte da identidade local e nacional, não foi algo elaborado naturalmente. A construção de Ouro Preto como monumento nacional aconteceu em um determinado recorte temporal (a década de 1930) e a partir de interesses e relações de poder. Nesse processo, estavam em voga questões políticas e identitárias manifestadas por um determinado grupo.

Em 12 de julho de 1933, com o Decreto nº 22.928, Ouro Preto é decretada oficialmente monumento nacional, passando a ser tutelada pelo Governo Federal, ato este que consolidou seu título de cidade histórica. Em 1937, com a criação do SPHAN [Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional], Ouro Preto passa a ficar sob a guarda de uma instituição federal especializada em preservar os patrimônios históricos brasileiros. (NATAL, 2007, p. 8).

No final do século XIX, Ouro Preto estava ameaçada de perder seu *status* de capital de Minas Gerais devido a sua arquitetura colonial e a sua estrutura arcaica, que fornecia, pelo menos no imaginário da época, um tom de decadentismo e atraso social. O passado colonial não se mantinha somente por sua perspectiva estética, já que a noção de colônia remetia a um regresso político e cultural do país. A nova capital deveria ser um local propenso ao que eles entendiam por modernização. A criação da Empresa de Melhoramentos da Capital, que tinha como objetivo um projeto de modernização de Ouro Preto, não conseguiu segurar a capital do estado naquela cidade.

Em 1897, a capital de Minas Gerais passou a ser Belo Horizonte, não somente pela possibilidade de se criar uma cidade mais moderna, mas pela localização estratégica e economicamente favorável que a cidade poderia vir a ter, por possuir estrutura espacial de crescimento e por estar localizada em uma área mais central do estado. Essa transferência

trouxe uma nova perspectiva para a cidade de Ouro Preto:

Em 1897, o centro administrativo de Minas Gerais se transfere de Ouro Preto para a recente cidade de Belo Horizonte. Não sendo mais o centro político de um dos principais Estados brasileiros, Ouro Preto assume seu caráter de cidade histórica, passando a ser considerada a cidade guardiã da memória nacional. Com a transferência da capital em Minas Gerais, inicia-se um processo de defesa da relevância de Ouro Preto no contexto nacional; porém, não mais como centro político, mas como centro histórico, representante da história do povo brasileiro. (NATAL, 2007, p. 5).

No início do século XX, Ouro Preto começou a ser valorizada não mais por sua possibilidade de modernização, mas por sua formação arquitetônica colonial. A proposta agora era diferente: a de manter os traços do passado colonial, preservar fachadas, monumentos e montar museus sobre a história de Minas Gerais (NATAL, 2007, p. 6). Esse intento foi reforçado em 1937 com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), uma instituição federal especializada em preservar o patrimônio histórico brasileiro. O órgão federal e as tentativas anteriores de patrimonialização de Ouro Preto estavam vinculados a projetos políticos com interesses de um determinado grupo. Porém, havia também uma preocupação identitária e artística de resgatar e reelaborar um “Brasil brasileiro” ao invés de buscar de fora um modelo cultural.

Ouro Preto não é apenas um caso isolado, uma curiosidade no estudo do patrimônio brasileiro e no processo de elaboração das cidades históricas. O modelo de patrimonialização ouro-pretano foi pioneiro e tornou-se modelo de conservação para os posteriores tombamentos (NATAL, 2007). É claro que isso foi reelaborado ao longo dos anos e acatou as demandas das outras cidades históricas e de outros monumentos da nação. Mas um paradigma inicial estava posto.

O que foi constituído como patrimônio de Ouro Preto estava limitado, pelo menos até meados do século XX, ao centro histórico

da cidade e aos monumentos ali presentes: igrejas, pelourinho, a antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica (que se transformou no Museu da Inconfidência em 1944), as fachadas coloniais das casas, entre outros elementos. Esses locais e objetos ainda circulam no imaginário social dos brasileiros e de muitos moradores da cidade como símbolos do passado colonial, figuras importantes e formadoras do nosso patrimônio histórico.

O bairro de Saramenha foi formado longe do centro histórico e se desenvolveu seguindo um caminho diferente da região central da cidade. Diferente, inclusive, das noções identitárias e patrimoniais elaboradas na década de 1930. Essa Ouro Preto construída como cidade-monumento e cidade-histórica assumiu contornos específicos na “periferia” local. Analisaremos a seguir, brevemente, a constituição do bairro de Saramenha, sobretudo no século XX, para depois discutirmos as suas relações com a noção de patrimônio formada a partir do centro histórico de Ouro Preto.

Apontamentos sobre a história do bairro de Saramenha

A comunidade de Saramenha remonta aos tempos coloniais, momento no qual a região possuía poucas construções e habitantes. As primeiras ocupações da área que hoje abarca o bairro remetem ao século XVIII e ocorreram ao redor da Igreja de São Miguel Arcanjo, localizada na parte baixa do que hoje é Saramenha (por isso Saramenha de Baixo e de Cima). O nome Saramenha adveio do tupi “tará-meen”, que significa “o que dá espigas”, nomenclatura elaborada devido às plantações de milho da região durante o período colonial.

Durante a colônia e mesmo até o fim do século XIX, a ocupação do espaço foi pequena e fragmentada. Quando a capital de Minas Gerais foi transferida para Belo Horizonte, em 1897, as terras de Saramenha perderam ainda mais o seu valor. Somente com a instalação da Eletro Química Brasileira S/A, em 1934, é que a região voltou a se expandir e iniciou-se um processo de ocupação mais significativo. Em 1937, a empresa tornou-se especializada em hidrato de alumínio, mudando para Aluminas e, posteriormente, para Alcan (hoje Novelis) (BHERING, 2005, p. 4-5). Na época,

O povoado tinha poucos moradores ao

redor de uma venda de um português chamado Trigo, um sítio do Rouxel, filho do Caboclo, e uma fazenda de chá do alemão Presser; no chamado Saramenha de Cima, viviam alguns moradores de duas famílias de ascendência italiana, Ansaloni e Rioga, que mineravam uma ocorrência do famoso topázio imperial de Ouro Preto, ainda extraído até hoje. (ALCAN, p. 15).

O bairro começou a crescer paulatinamente com a chegada da empresa e de moradores do entorno de Ouro Preto que à procura de trabalho acabavam permanecendo na região. A fábrica de alumínio, a produção de chá, a extração do topázio imperial e a produção de artefatos de barro eram as principais atividades da localidade, sobretudo até meados do século XX. O bairro ainda era pouco povoado nesse período e foi formado, principalmente, pelas famílias que ali já habitavam. Em quase todas as casas há um Ansaloni, Rioga ou Mendes. Os nomes das ruas são os nomes das famílias antigas. Um bairro curioso onde quase todos mantêm uma relação de parentesco.

A chegada da Eletro Química Brasileira para Saramenha, em 1934, proporcionou um novo redimensionamento da cidade de Ouro Preto. Além de ser uma das mais significativas empresas da cidade, ela acabou valorizando as terras de Saramenha e os bairros que estavam mais próximos a ela.

A Fase de Recuperação (a partir de 1945), na qual o complexo industrial de Saramenha passou a comandar a evolução econômica da cidade, tendo início um crescimento populacional de base migratória e uma expansão da ocupação urbana, com o surgimento de um novo polo no entorno da indústria, em Saramenha, a ocupação do Morro de Cruzeiro e o adensamento e expansão das áreas periféricas ao núcleo principal. Essa expansão atingiu, além do Morro do Cruzeiro, principalmente, o Morro da Queimada, o entorno de Santa Efigênia

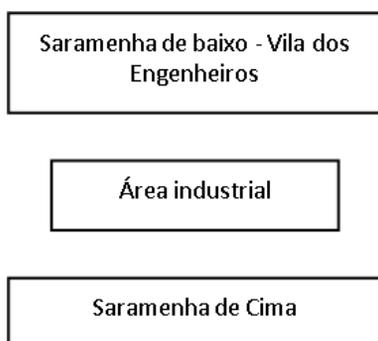
e do Padre Faria e, com a abertura da rodovia MG-56, as áreas de Água Limpa e Veloso, configurando o início da descaracterização da paisagem no entorno do núcleo colonial, acentuada nas últimas décadas, com ocupação e comprometimento, inclusive, de áreas de importância arqueológica remanescentes das primeiras ocupações do morro da Queimada. A partir da década 60 a cidade, paralelamente ao desenvolvimento industrial, viu expandirem-se as atividades ligadas ao turismo que, cada vez mais, vêm aumentando sua importância na economia municipal. Nesse período, o município passou a experimentar crescimento expressivo da população urbana, especialmente a da sede, com declínio relativo da população rural. Em 1960 a população urbana da sede era de 14.722 habitantes, com uma taxa de crescimento anual, no período 1950/60, de 5,3%. Esse ritmo de crescimento se manteve no período 1960/70, passando a população urbana da sede a ser, em 1970, de 24.043 habitantes. Nas décadas subsequentes a população da sede continuou a crescer, embora em ritmo mais lento, atingindo, em 1991, 35.241 habitantes e, em 2000, 38.301 habitantes, representando, nesse ano, 57,8% da população total do município (66.277 habitantes). (BHERING et al., 2005, p. 4-5).

A industrialização de Saramenha promoveu uma reorganização do planejamento urbano de Ouro Preto como um todo, estimulada também pelo crescimento do turismo e, no final da década de 1960, pela fundação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Em meados do século XX, Saramenha não era mais a mesma. O bairro passou a abrigar, mais ao final do século, não só trabalhadores da fábrica, mas da região do Morro do Cruzeiro (onde se localiza a

universidade), de bairros vizinhos e mesmo do centro de Ouro Preto (TEIXEIRA, 2013, p. 11). O bairro cresceu e ganhou importância, porém ainda está isolado, não só geograficamente, do centro e dos outros bairros.

À medida que a localidade foi ganhando importância com a vinda da empresa, o bairro começou a se dividir. A região mais baixa passou a constituir a “Vila dos Engenheiros”, um local voltado para os grupos mais abastados que, porventura, trabalham na empresa ou na universidade. A parte alta conservou trabalhadores menos abastados, os antigos moradores e outros grupos que adentraram o bairro devido ao baixo custo. Criou-se uma linha divisória a partir da empresa, fazendo de Saramenha de Cima uma região periférica não só para o centro histórico, mas para o próprio bairro.

Figura 1 – Esquema da divisão do bairro.



Fonte: O autor (2015).

Em Saramenha desenvolveu-se um estilo de vida próprio, uma maneira de se apropriar daquele espaço sem depender do centro de Ouro Preto (VILLASCHI, 2014). As noções de patrimônio vão se configurar nessa direção, principalmente entre os habitantes mais antigos que, diferentemente dos jovens, sentem ainda menos necessidade de frequentar a região central, a não ser em busca de serviços de saúde ou para resolver burocracias.

Patrimônios e identidades locais: um caso particular?

O bairro de Saramenha de Cima cresceu nos últimos dez anos, abrangendo famílias antigas e novas. Alguns jovens do bairro passaram

a estudar nos institutos federais da cidade e muitos trabalhadores foram exercer suas atividades em outros bairros, inclusive no centro de Ouro Preto. A situação de isolamento da localidade diminuiu processualmente ao longo da segunda metade do século XX, porém ainda mantém a sua força, sobretudo entre os moradores mais antigos. As melhorias no bairro e a relação com o centro da cidade são relatadas nas entrevistas com os moradores:

TP: Você lembra do bairro de Saramenha quando você era pequena?

AM: Lembro.

TP: E como era o bairro?

AM: Aqui tinha pouca coisa. Tinha só um grupo aqui, até o quarto ano. Na minha época era até o terceiro ano de grupo. Eu estudei até o terceiro ano, aí se eu quisesse continuar, eu tinha que ir pra Ouro Preto. Aí meu pai não tinha condições, não tinha ônibus para ir, aí acabou que eu não continuei a estudar. Depois que foram chegando as escolas. Agora tem o Polivalente.

Era tudo estrada de terra aqui, não tinha calçamento, não tinha posto de saúde. Tinha a Alcan, mas não era todo mundo que era empregado. A Alcan chamava-se Eletro Química, foi a primeira companhia que teve aqui no bairro. A companhia foi aumentando um pouco. Algumas pessoas trabalhavam lá. Os mais velhos quase não trabalhavam lá, vendiam lenha. Eram os mais jovens que trabalhavam lá. Um primo meu trabalhou lá. Mas aqui só tinha a Alcan, um dos únicos meios de sobrevivência. [...]

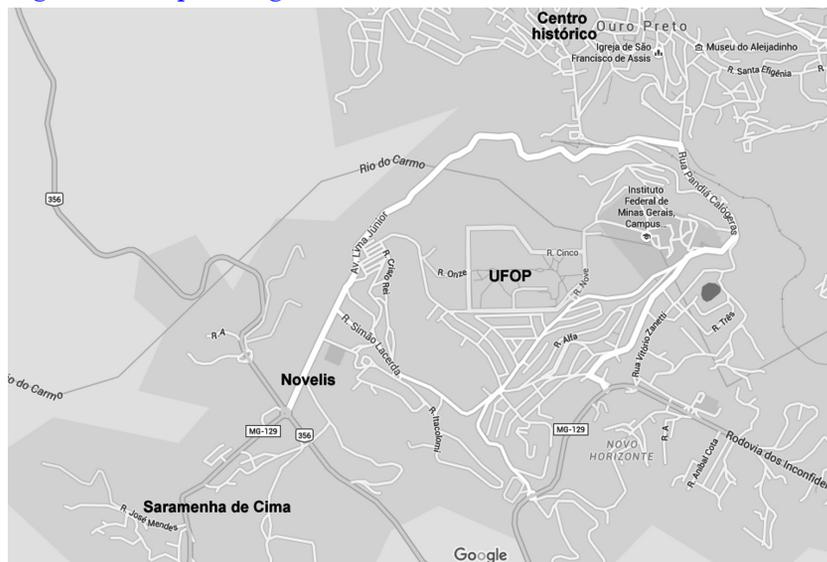
AM: Era muito sem recursos antigamente, hoje já melhorou bastante. Tem ônibus, tem posto. Agora temos três escolas aqui perto, dá para os meninos estudarem, eles não precisam ficar sem estudar mais. Não estuda agora quem não quer.

Os acessos aos serviços públicos, o entretenimento e as práticas culturais são desenvolvidos no próprio bairro, principalmente entre os mais velhos. Como esses habitantes interpretam e se apropriam da noção de patrimônio cultural desenvolvida a partir do centro histórico de Ouro Preto? Há algum tipo de diálogo? Em que medida essa localidade se mantém submetida às noções patrimoniais desenvolvidas por órgãos governamentais de preservação? Em uma perspectiva mais teórica, como essa “periferia” se relaciona com o “centro” da própria cidade? Trata-se de um caso particular? A partir de algumas entrevistas com os moradores e de um trabalho de investigação *in loco*, seremos capazes de discutir essas questões.

Saramenha de Cima possui um aspecto visual relativamente homogêneo, abarcando, em suas margens, paisagens naturais, tais como trilhas, rios e matas. As entradas e as saídas do bairro encerram-se em rodovias importantes da região. Ainda que o poder aquisitivo dos moradores seja variado, o bairro comporta uma boa parte de pessoas com carências financeiras e de educação formal.

A parte industrial encontra-se no meio do bairro, entre a parte baixa e a parte alta de Saramenha. Perto da empresa Novelis há um cemitério, que data do século XIX, construído ao redor da capela de São Miguel Arcanjo. Um local “histórico” colonial, mas pouco visitado e frequentado pelos moradores.

Figura 2 – Mapa da região de Saramenha.



Fonte: Google Maps (2015).

A maioria das entrevistas ocorreu com os moradores mais antigos do bairro (em torno de 60 a 75 anos), no espaço de suas casas. Além dos questionários preestabelecidos sobre a história do bairro e do entrevistado e da sua família, deixamos para o final de cada investigação um momento em que eles pudessem falar abertamente sobre suas experiências de vida em Saramenha e sobre os elementos que faziam parte das suas percepções de patrimônio material e imaterial.

Em uma das entrevistas, a moradora relata que em seu tempo de criança não havia muitas oportunidades de estudo, pois poucos conseguiam ir até o centro de Ouro Preto. A escola do bairro ia até o terceiro ano do ensino fundamental. As principais oportunidades de trabalho local eram a fábrica (de chá e de minérios), a extração do topázio e a produção de artefatos de barro. Grande parte das famílias, em meados do século XX, ainda produzia suas verduras e hortaliças, além de criar animais destinados à alimentação. O comércio era pequeno e informal, voltado para suprir as demandas locais. Além disso, aproveitavam-se as plantações naturais da região, como o ora-pro-nóbis, ingrediente achado facilmente nas matas e muito utilizado na culinária local e nas receitas tradicionais de Minas Gerais. Na parte cultural, os moradores destacaram a banda local (que hoje não existe), as festas dadas pelos próprios moradores, o time de futebol

vinculado à empresa e as atividades culturais e religiosas propostas pela comunidade católica local. O trecho da seguinte entrevista apresenta alguns desses indícios:

TP: Quando a senhora era pequena, como era o bairro?

AM: Quem morava aqui eram os mais antigos mesmo: meu pai, meus tios. Desde pequena, nós voltávamos da escola e brincávamos. Existiam muitas plantações, de laranja, de uma porção de coisas. A gente não passava falta das coisas não. A merenda que a gente tinha para comer na época era mandioca, inhame e batata-doce. Aí minha mãe fazia aquelas travessas cheias, aí a gente escolhia o que queríamos tomar de café: batata-doce, mandioca ou inhame. E tinha uma broa também que ela fazia. Nós tomávamos café com essas coisas, e adorávamos. Tinha muito leite, pois existiam muitas vacas aqui. Meus tios e meus pais tinham. Eu acho que antes era melhor do que agora. Era mais divertido. Nós vivíamos tomando banho por estes córregos, a água era mais limpa, mas agora é tudo poluída. Tinha peixes, e nós sempre levávamos para casa. A gente vivia na beirada do córrego. A adolescência da gente foi muito boa e a gente tinha muita brincadeira. Não existiam jovens tão problemáticos como agora, que vivem caçando confusão. Tinha uma banda aqui em Saramenha também, mas agora nem isso tem mais. Antes, em toda festa, a banda daqui tocava.

ER: Que tipo de banda?

AM: Eles tocavam prato, baixo, clarineta. Então todas as festas eles estavam presentes. Os engenheiros, em todas as festas, chamavam a banda para tocar. Eles eram muito comunicativos com a gente, sempre nos chamavam para as festas.

Houve, portanto, um desenvolvimento de Saramenha de Cima – econômico, estético e cultural – independente do “centro” de Ouro Preto e das suas tradições imateriais. Havia um diálogo, uma troca (desigual) de produções culturais e de espaços sociais, mas não havia uma necessidade de ir ao centro para praticar nenhum tipo de sociabilidade. O centro está representado no imaginário dos moradores como um lugar de serviços e burocracias, e não como um espaço cultural central na vida desses habitantes de Saramenha de Cima. Quase tudo ocorria no bairro, e isso não era (nem é) um problema. Na fala nostálgica dos mais velhos, aparece sempre uma saudade desse passado mais comunitário que ainda mantém seus resquícios nesse bairro quase que familiar.

As identidades locais, bem como as diferentes noções de patrimônio dos moradores, transitam entre as apropriações do passado histórico de Ouro Preto e as vivências e práticas culturais desenvolvidas na própria localidade. Os espaços domiciliares, a igreja local e as áreas naturais que estão nos arredores do bairro compõem o cenário patrimonial mais importante para os moradores entrevistados. No campo imaterial podemos elencar dois elementos importantes: as festas (laicas e religiosas) e a culinária local. Ambos seguem um esquema parecido de apropriações da cultura alimentar mineira (também presente nos locais turísticos e na população de outros bairros de Ouro Preto) junto com as reelaborações locais. Criam-se e recriam-se receitas e as formas de vivenciar as atividades culturais.

Tais afirmações não podem excluir a importância do patrimônio cultural desenvolvido pelos órgãos oficiais e mantidos com mais visibilidade no centro histórico de Ouro Preto. O que percebemos é que muitos moradores, apesar de reconhecerem a importância dos monumentos históricos de Ouro Preto, não se sentem parte daquela história, daquele passado. Isso não significa dizer que eles não se apropriam dessas noções, ainda que de forma indireta. A mesma situação acontece no bairro. Nem todos os moradores conhecem a história da localidade. Muitos não notam a relação familiar e comunitária que ali se desenvolveu, mesmo que hoje essa relação se mantenha de outras formas ou esteja mais enfraquecida.

As identidades e as noções de patrimônio são fluidas e múltiplas e não se ligam diretamente ao que foi construído nas escolas ou pelos

órgãos de conservação. Se tivermos em mente as proposições teóricas de Hartog (2006; 2003) sobre a semântica dos tempos históricos, diríamos que Saramenha de Cima vive um presentismo angustiante, sobretudo para os mais velhos. Eles reconhecem as melhorias sociais e econômicas da localidade, mas ainda mantêm uma relação estética, nostálgica e afetiva com o passado. Um passado local, ainda não desvinculado da história da cidade e das noções patrimoniais e identitárias elaboradas a partir da década de 1930 sobre Ouro Preto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centros, periferias e reflexões sobre a extensão universitária

A partir do momento em que o bairro de Saramenha começou a ganhar notoriedade na cidade devido à chegada da empresa Eletro Química, no final da década de 1930, iniciou-se um processo de divisão da localidade em parte “baixa” e “alta”.

Nessa nova organização do espaço, que se prolongou ao longo do século XX, a parte de “cima” acabou tornando-se um espaço desvalorizado economicamente, atraindo uma população menos abastada. Formou-se uma “periferia” não só em relação ao centro de Ouro Preto, mas dentro do próprio bairro. Ainda que a categoria “periferia” comporte um tom pejorativo, esse conceito nos remete mais a um imaginário social, um “efeito de lugar” (BOURDIEU, 1997), do que propriamente a uma ideia que os moradores fazem deles mesmos.

Os moradores de Ouro Preto não denominam Saramenha propriamente como uma periferia, já que a parte baixa comporta uma área residencial de padrão mais elevado e no centro um local industrial. O bairro é visto como afastado e simples e não necessariamente como uma periferia. Apesar do uso incomum, Saramenha de Cima é percebida dessa forma não só por sua localização geográfica, mas pela simplicidade do local.

As noções de “centro” e “periferia” são construções socioculturais que comportam não só preconceitos, mas determinados posicionamentos políticos e econômicos. Essa noção pode estar presente dentro de uma

mesma cidade, como podemos notar ao analisar o caso de Saramenha de Cima. Não objetivamos elaborar nenhuma teoria sobre o tema, mas apontar caminhos que podem ser pensados no estudo de objetos semelhantes e pelos desafios postos pela extensão universitária.

As construções de centro e periferia nem sempre são incorporadas pelos moradores de uma cidade ou bairro. Em Saramenha de Cima, por exemplo, eles não se pensam dessa forma, apesar de fazerem uma clara distinção entre a localidade e o centro histórico, afastado geograficamente e culturalmente. A ideia de periferia só existe se tivermos como referência um centro. Afinal, Saramenha de Cima é periferia para quem? No âmbito patrimonial e identitário, podemos afirmar que o bairro desenvolveu noções próprias, ainda que em diálogo com o que foi legitimado pelos órgãos de preservação desde a década de 1930. Há uma circulação dessas ideias, o que não exclui a capacidade dos habitantes de Saramenha de Cima de se apropriarem e ressignificarem o patrimônio cultural da cidade.

Dessa forma, o bairro e sua história, bem como as práticas culturais locais, assumem um sentido identitário e patrimonial de suma importância para a comunidade de Saramenha de Cima, ainda que o passado e os monumentos da cidade de Ouro Preto continuem importantes na ideia que eles fazem de patrimônio histórico nacional e regional. Essas problemáticas nos ajudam a refletir sobre o papel da extensão universitária não só para as comunidades, mas para o crescimento e aprimoramento do saber e das instituições de ensino superior.

Tratando-se de um projeto de extensão, podemos afirmar que a noção em voga durante todo o andamento da pesquisa baseou-se não em uma perspectiva assistencialista para a região de Saramenha e nem em uma elaboração acadêmica voltada para o ensino dos habitantes do bairro. A proposta foi feita e desenvolvida em conjunto com os moradores, que traçaram novos caminhos e delinearão, em conjunto com as pesquisas, a história do bairro. Nesse sentido, há um diálogo entre os saberes universitários e comunitários sem que exista uma hierarquização entre eles.

O objetivo do projeto de extensão não foi o de construir uma “história oficial” de Saramenha. A proposta pretendia um diálogo de saberes que pudesse contribuir tanto para a valorização da memória local

quanto para a formação histórica e social dos pesquisadores envolvidos (na época, estudantes de graduação). Ao fim do projeto redigimos um livro sobre a história e culinária local, denominado *Saramenha: memórias, histórias e culinária*. A obra está em processo de publicação e será voltada para a comunidade e para as escolas locais.

O livro que será publicado poderá ser utilizado no ensino de história para as escolas do bairro e da região não no formato de um manual, mas como uma ferramenta que ajudará os estudantes a perceberem as diferentes formas de se construir as memórias e as histórias locais. Além disso, poderá mostrar de que maneira a história local se interliga com a história de Ouro Preto, de Minas Gerais e do Brasil. Ao mesmo tempo, o material é uma fonte de memória e um artefato de valorização da cultura de Saramenha, acessada por meio das entrevistas e das receitas culinárias familiares e geracionais. Compreender a história do bairro é compreender as identidades locais e uma forma de valorização da localidade e das suas noções patrimoniais. Esses são elementos importantes em um projeto de extensão, não só pelos resultados, mas pelo processo de formação em que os estudantes de graduação podem obter ao dialogarem com outros saberes e outras formas de perceber e estar no mundo.

A extensão universitária, muitas vezes, é vista como uma forma de sanar problemas sociais recorrentes em comunidades menos favorecidas economicamente, na forma de um assistencialismo. Não há nada de negativo em tal proposta, contudo, não podemos deixar de lado o papel de formação e de diálogo entre a comunidade externa e os estudantes, professores e outros membros da universidade. Da mesma forma acontece com a pesquisa acadêmica, que ganha novos contornos ao entrar em contato com matrizes de pensamento diferentes.

A extensão ganha novas dimensões ao aliar pesquisa e atuação social, não hierarquizando os saberes (como se a universidade tivesse algo de maior importância para ser levado aos grupos externos), mas dialogando com eles e construindo novas formas de atuar e pensar a realidade social e científica. Isso não impede que os estudantes utilizem o que aprenderam na universidade.

O importante é que os envolvidos em um projeto de extensão saibam compreender e dialogar com o que encontram nas comunidades, pensando não apenas em sanar problemas locais ou levar algo do

meio acadêmico, mas em estruturar e dar continuidade às pesquisas e projetos extensionistas a partir desse diálogo.

REFERÊNCIAS

ALCAN – Alumínio do Brasil Ltda. **Memória Viva: 50 anos de Alcan Alumínio do Brasil em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Ponto Final Comunicação Integrada, 2000.

ANDRADE, B. A. B. Reconstruindo a cidade sagrada: ideologias, alianças, conflitos e imposições no processo de sacralização de Ouro Preto (1933-1967). In: CONINTER – CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2., 2013, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: IEDS, 2013, 86p.

BHERING, I. G. de A. et al. A gestão do patrimônio histórico: uma avaliação a partir do processo de elaboração da legislação urbanística de Ouro Preto. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 11., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPUR, 2005. p. 1-24.

BOURDIEU, P. Efeitos de lugar. In: _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRAUDEL, F. **O modelo italiano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989.

HARTOG, F. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História**, São Paulo, n. 148, p. 9-34, 2003.

_____. Tempo e patrimônio. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

MORSE, R. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

NATAL, C. M. **Ouro Preto: a construção de uma cidade histórica, 1891-1933**. 2007. 239f. Dissertação (Mestrado em História) –

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. **Da casa de barro ao palácio de concreto: a invenção do patrimônio arquitetônico no Brasil (1914-1951)**. 2013. 445f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

TEIXEIRA, R. dos S.; MORAES, F. B. **O plano de conservação, valorização e desenvolvimento de ouro preto e mariana e suas inter-relações com a história do planejamento urbano e regional no Brasil**. Anais Encontros Nacionais da ANPUR, v. 15, 2013. Disponível em: <<http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4573>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

VILLASCHI, J. N. S. **Hermenêutica do patrimônio e apropriação do território em Ouro Preto-MG**. 2014. 303f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Submetido em 21 de dezembro de 2015.

Aprovado em 16 de fevereiro de 2016.